



O GRAFITE NO ENSINO DA ARTE*

Bárbara Viana Villaça**

Tatiane Almeida de Souza***

Resumo

O presente trabalho tem por principal objetivo, repensar o ensino do Grafite nas escolas, mostrando que ele pode ser muito mais bem aproveitado, a fim não só de dizer que pichação, que normalmente é o que os alunos sabem fazer, é ilegal e errado e que apenas o Grafite é Arte. O ensino do Grafite nas escolas como viemos propor engloba mais conceitos e abrange uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos, aproveitando as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas, a fim de despertar interesse, senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito à diversidade e à compreensão da liberdade.

Palavras-chave: Ensino do Grafite; Pichação; Arte.

1- Introdução

Todas as civilizações deixaram algo que nos servem como referência para investigar o que ocorria naquela época (MARCONDES, 2003) e, nesse aspecto os registros feitos pelos povos antepassados mostram de onde viemos e como evoluímos e mudamos, assim passando a ser imprescindível o aprendizado de leitura do espaço. Considerando que o espaço não é um quadro neutro, um vazio matemático, ou algo inerte (VÉRAS, 2000), e sim um espaço que reflete a sociedade, sua história, diversidades, culturas etc.

Nesse sentido, a leitura das escritas urbanas, principalmente das pichações e do *Grafite*, desperta um olhar voltado ao contexto em que a comunidade está inserida, o que

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF campus CAMPOS CENTRO, em junho de 2015.

** Graduada em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual do Norte Fluminense. Pós graduada em Psicopedagogia, Instituto Brasileiro de Ensino. Pós graduanda Orientação Educacional, Instituto Brasileiro de Ensino. Professora da Rede Privada do Município de Campos dos Goytacazes - RJ. E-mail: babivillaca@gmail.com

*** Graduada em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual do Norte Fluminense. Pós graduanda em Pedagogia Empresarial e Orientação Educacional, Instituto Brasileiro de Ensino. Orientadora Educacional da Rede Pública Municipal de São João da Barra – RJ. Email: tatianealmeidaenf@gmail.com

revela que o ensino de leitura de imagens, principalmente as urbanas pode ser instrumento de formação cidadã e de construções de identidades como reconhecimento sociocultural no ambiente em que vive.

O *Grafite* por ser uma expressão artística urbana, possui algumas características subversivas que causa algumas vezes a confusão com as pichações. O termo *Grafite*, termo urbano, ou Grafite como é popularmente conhecido em português, tem origem italiana, que consiste em uma técnica de incisão com ponta em superfície dura. Desenho, inscrição, assinatura ou afim, feito geralmente com tinta de *spray*, em muros, paredes e outras superfícies urbanas. Apesar do *Grafite* ter origem nas pichações, não utiliza apenas de críticas sociais, mas busca a conscientização coletiva, a expressão, a afirmação cultural e comercial.

Esse estudo vislumbra entender como se deu o surgimento e a relação da sociedade com o *Grafite*, além de estabelecer argumentos sobre os quais julgamos que no ensino de artes nas escolas pode ser mais efetivo no âmbito social e cultural quando for à questões associado e à arte contemporânea, principalmente a urbana como o *Grafite*.

2 - O Grafite

Podemos considerar inevitável as interferências e a criação de obras visuais como vestígios mais consideráveis para análise de questões comportamentais, religiosas, políticas, linguísticas, e cultural do ser humano ao longo do tempo, uma vez que temos a visualidade como uma das principais formas de apreensão das coisas do mundo pelo Homem.

Grafite são mensagens culturais marginalizadas: inscrições, pinturas e desenhos, idealizados por pessoas em paredes, árvores, muros e monumentos, utilizando spray, tinta e carvão. Tem por finalidade, transmitir mensagens de caráter poético, político, publicitário ou até mesmo satírico.

O grande desencadeador da história do *Grafite* nas manifestações urbanas é o próprio jovem. Assim, além de ter o jovem como criador, são características cruciais do *Grafite*, na atualidade: ter a cidade como suporte principal e não somente as paredes, denunciar valores sociais, atribuir a suas obras ironia e criatividade.

É possível presenciar a imensa concentração de intervenções artísticas, junto à imensa quantidade de ícones da publicidade e da cultura contemporânea, que formam uma gama de textos e imagens diferentes, presentes nas grandes metrópoles brasileiras. Nesse

sentido o *Grafite* representa um convite ao diálogo, arte que exercita a comunicação de forma interativa.

Figura 1: *Grafite* de Rui Amaral (O Bicudo)



Fonte: <http://www.artbr.com.br/ruiamaral/> (acesso 17/07/2015)

A figura acima representa o *Grafite* do artista Rui Amaral, personagem Bicudo, ele tem uma produtora multimídia e coordena projetos de arte e educação voltados á valorização da cidadania junto à comunidades carentes.

2.1- A pichação

Uma das formas de manifestação e expressão é a arte marginal de rua, que inclui desde o vandalismo até a arte politicamente comprometida. “Vai da pichação, cujo propósito é marcar, desmarcar um território, sujar, incomodar, agredir, chamar a atenção sobre certo espaço urbano e certa realidade...” (OLIVEIRA, apud, p. 2, PROSSER, 2006)

Essas manifestações artísticas de rua se colocam como atitudes frente à questionamentos referentes às colocações políticas e sociais com o objetivo de criticar e protestar diante de algum aspecto de insatisfação.

Segundo Prosser (2006) o picho envolve o rabisco, a garatuja, a escrita rápida não autorizada, que suja, transgride, polui, marca a posse, perturba a ordem estabelecida e também, a colocação social e política dos seus autores e a sua expressão de protesto diante da sociedade capitalista e, por consequência, consumista. Nos grandes centros urbanos a pichação tem se intensificado de forma significativa, assim aparece como um reflexo da indignação política.

Figura 2: Edifício pichado em São Paulo



Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/edificio-elisa/>

(Acesso: 17/07/2015)

A figura acima retrata a pichação, muito presente nas cidades brasileiras, o edifício é um local privado que não foi respeitado pelo pichador. As palavras, traços e símbolos que foram feitos não dá para qualquer cidadão entender, acredita-se que seja uma linguagem de comunicação entre os pichadores. As pichações costumam denegrir o local onde são feitas.

2.2- A Estética e a mensagem

Caracterizado originalmente como uma arte marginal, um ato de vandalismo aos ambientes públicos, com o passar do tempo, muitos foram os praticantes do *Grafite* que procuraram afastar-se dessa construção identitária já formada e à partir do desenvolvimento de novas técnicas e processos, no qual cada vez mais era percebido uma maior elaboração e complexidade de execução nas obras.

Atualmente, após seu conceito de marginal não ser mais o foco e um maior entendimento e aceitação acontecerem por parte do público, a recongnição acerca do *Grafite* no Brasil se expandiu nas grandes metrópoles, e depois de muitos impasses entre grafiteiros e gestores do poder público, podemos ver um processo de legitimização acontecendo. “Atualmente, a arte de rua revelou-se a linguagem visual internacional da cultura juvenil” (MORIYAMA; LOPEZ, 2009).

Nesse processo, buscamos uma valorização desse tipo de arte iniciada em decorrência da dialética criada entre os habitantes de uma cidade e suas intervenções urbanas. Essa valorização é dada de tal forma, que o *Grafite* alcança as galerias e museus, as campanhas publicitárias, tornando-se muito mais que lazer ou um *hobby*, uma profissão.

3 – O Grafite e a Arte Educação

No mundo atual, globalizado e em frequente mudança, alguns conceitos e preconceitos têm sido constantemente modificados. Segundo Francis Bacon; precisamos avaliar e reavaliar "as propostas de gabinete" e associar as novas realidades. Isso tem acontecido com a educação onde o aluno passa a construir seu próprio conhecimento, havendo a necessidade de tomar cuidado com o individualismo crescente causado por essa nova independência. O professor, mais do que nunca, precisa ser visto como um mediador ou conselheiro que facilita o processo de ensino aprendizagem, promover constante mudança nos processos de ensino, práticas pedagógicas, seleção de conteúdo, a partir da realidade social e das vivências que está inserido esse aluno.

“Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, idéias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens.”
(BARBOSA, Ana Mae. 1998. p. 17)

Na contemporaneidade é fundamental saber ler imagens, como citou Ana Mãe Barbosa, somos bombardeados por estímulos imagéticos o tempo todo, através da publicidade, política, supermercados ou pela internet, acabamos recebendo a maioria dessas imagens de forma inconsciente. Muitos membros de nossa sociedade, não só as crianças, ainda desconhecem o poder da imagem e precisam se conscientizar da importância de se saber ler essas imagens. No processo de educação do olhar, assim como em todo processo de ensino/aprendizagem, a postura do educador na mediação de leituras de imagens deve sempre

partir de uma abordagem instigando o olhar, a reflexão respeitando as interpretações e julgamentos dos educandos.

De acordo com a concepção do epistemológico Piaget, a aprendizagem apenas ocorre mediante a consolidação das estruturas de pensamento. Nessa perspectiva piagetiana, para que ocorra a construção de um novo conhecimento, é preciso que se estabeleça um desequilíbrio nas estruturas mentais, isto é, os conceitos já assimilados necessitam passar por um processo de desorganização para se reorganizarem, estabelecendo um novo conhecimento.

Este mecanismo pode ser descrito como a transformação de um conhecimento prévio em um novo. Percebemos então a importância dos conhecimentos e da valorização das experiências prévias de cada indivíduo, pois só fará sentido a educação se perceber e associarem ao que faz sentido para cada um como indivíduo. Como afirmou o educador e filósofo Paulo Freire com a frase; “Educar é impregnar de sentido o que fazemos a cada instante.”

Segundo o cientista e psicólogo Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da integração social, ou seja, da relação do indivíduo com os outros e com o meio em que está localizado. A integração entre os indivíduos então possibilita a geração de conhecimento através da experiência, a aprendizagem é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumentos de linguagem e signos. Para acontecer à aprendizagem, o professor ou mediador deve utilizar estratégias para levarem os alunos a tornarem se independentes, estimular o conhecimento e estar atento a permitir que este aluno construa seu conhecimento em grupo.

Essas várias mudanças que aconteceram na sociedade e o grande volume de informações estão refletindo diretamente no ensino, exigindo que a escola não seja mera transmissora de conhecimentos, mas que proporcione um ambiente estimulante, que valorize o indivíduo e possibilite experiências para a aprendizagem significativa, motivada, crítica e criativa. Concordando com esse conceito segue um pensamento do psicólogo da educação Ausubel: “Se eu tivesse de reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra o que ele sabe e baseie nisso os seus ensinamentos.”

Wallon, filósofo e psicólogo, propõe estágios de desenvolvimento, assim como Piaget, mas ele não é adepto a idéia de que o conhecimento do indivíduo aconteça de maneira

linear e sim com os conflitos internos e externos aos quais é confrontado no decorrer da vida. Assim como Vygostky, Wallon acredita que o social é importante, a linguagem e a cultura fornecem aos pensamentos os instrumentos necessários para evoluir. O desenvolvimento para ele não acontece de forma linear por isso sofre rupturas, crises e retrocessos.

Com as mudanças no mundo contemporâneo, a escola tem que proceder de modo a atender essas diversas exigências e promover a capacitação para toda a comunidade escolar. Tem o papel de adquirir e desenvolver espírito crítico, criatividade e autoestima dos alunos. Criar ambientes físicos estimulantes que favoreçam o trabalho em grupo, diferente e simultâneo.

A sociedade e a escola estão buscando um novo caminho para a educação. Nos novos paradigmas da educação, uma prática importante é a construção do conhecimento, sendo valorizado o processo de aprendizagem e a poética pessoal, assim não precisa obedecer a um único padrão de estudo, a educação em arte muitas vezes é pioneira nesse aspecto. A arte é toda manifestação de cultura, seja através da música, dança, poesia, escultura ou pintura. Podendo ser produzida de diversas maneiras, a respeito de diferentes assuntos, manifestando emoções e idéias de seu autor e expectadores.

A arte na sua história surgiu como meio de comunicação, como forma de expressão dos povos mais antigos. Desta maneira percebemos que as civilizações utilizavam da arte para mostrar, criticar ou provocar alguma coisa aos seus espectadores. Mas e hoje o que é arte? Esse é um conhecimento por se definir, pois a própria produção artística questiona os conceitos já existentes sobre o que é arte. A partir deste questionamento surge um outro ainda mais importante para a compreensão da função do professor de arte na educação de uma maneira geral, Qual a função da arte na escola? Compreendemos que a escola tem a função de apresentar diferentes linguagens artísticas, materiais, suportes, técnicas e produções artísticas. Apresentar diversidade proporciona ampliação de repertório e experiência estética. Então entendemos a partir deste conceito como se dá dois dos maiores paradigmas da sociedade e com os quais os educadores, em geral, se deparam em salas de aula; o preconceito que se dá pela limitação de conhecimento de diversidade e a liberdade que vem a partir da possibilidade de escolhas.

Compreender esses dois pontos é um dos primórdios de entender a função e a importância do professor de artes, quando o indivíduo é apresentado a diferentes linguagens artísticas, materiais, suportes, técnicas e produções artísticas, maior é o seu repertório e mais

experiência estética ele terá em relação ao mundo, o que possibilitará a compreensão e a não limitação de conhecimento da diversidade cultural, religiosa, étnica, social em que estamos inseridos e isso por consequência possibilitará que este indivíduo se torne livre, pois só é livre aquele que tem opções de escolhas.

No cenário contemporâneo, social e cultural da maioria das escolas públicas do Sudeste, vemos uma aproximação e uma forte influência da cultura norte-americana, não apenas pelas artes plásticas, mas também, através da música, dança, cinema, costumes, atitudes e padrões estereotipados os quais muitas vezes serve de “modelo” a serem seguidos pelas crianças e adolescentes. Vislumbrando essa cultura riquíssima e de fácil compreensão e aceitação pelos alunos, optamos pelo estudo e pela introdução ao estudo da arte através do *Grafite* a fim de despertar interesse, senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito a diversidade e à compreensão da liberdade.

Levando em consideração que a “primeira impressão é a que fica”, ditado popular, constatamos que quando nos deparados em uma sala de aula com uma obra renascentista ou acadêmica, a possibilidade de que a arte não seja compreendida, que não se alcance os objetivos e que haja uma frustração com esse ensino é ainda maior, já que não faz sentido se comparado com a realidade da sociedade em que esses alunos estão inseridos, fazendo necessário considerar o contexto e o indivíduo, justificado através da afirmativa do psicólogo Rogers; “Por aprendizagem significativa, entendo, aquilo que provoca profunda modificação no indivíduo. Ela é penetrante, e não se limita a um aumento de conhecimento, mas abrange todas as parcelas de sua existência.”

Como afirmou o teórico e educador Joseph Novak (1981); “A aprendizagem significativa está subjacente à integração construtiva do pensamento, dos sentimentos e das ações que levam à capacitação humana tanto quanto ao compromisso e à responsabilidade.” E partindo do mesmo princípio, é importante trazer além de algo lúdico, também um tema ou abordagem que sejam significativas para os alunos, a fim de despertar interesse e educá-los a ver a arte com outros olhos, não apenas de enxergarem, mas também de entender, estimular a produção e de apreciar.

Trataremos do *Grafite* em sua expressão contemporânea e especialmente localizada, que surge a partir de movimentos subversivos e de protesto dos anos 60, e continua presente nas paisagens urbanas, porém com novos contornos. O *Grafite* tem conquistado cada vez mais o seu espaço e mais visibilidade, já que pessoas e grupos, através

de diferentes processos criativos, onde expressam através de imagens e textos sua imaginação nos muros das cidades.

Sendo o *Grafite* o resultado de inúmeras experiências de criação e uma arte que atinge a um número enorme de pessoas, podemos pensar na enorme subjetividade gerada. É possível observar, nas pinturas espalhadas nas cidades, que existe um tipo de imaginação livre de estereótipos, lúdica e criativa. Essa pluralidade imaginativa representa a diversidade, através deste modo de comunicação, para mostrar ao mundo de modo não oficial que é possível formar dentro de tanta diversidade opiniões democraticamente.

“Segundo Bakhtin (1997), imagens e textos são formas de comunicação e contém diversas vozes, e algumas são reflexos de uma coletividade. Quando palavras e imagens são gravadas em um suporte público, estas participam de um fluxo de pensamento de muitos indivíduos funcionando como diferentes vozes de um diálogo. As comunicações humanas deixam vestígios e fragmentos que podem ser utilizados em novos diálogos. Um único enunciado pode atualizar um passado histórico no seu discurso e, simultaneamente, remeter a fatos de um contexto presente como preocupações comuns, pontos de vista, experiências pessoais e coletivas dentre outros.” (RINK, Anita. 2003. p. 21)

Na história da humanidade existem muitas espécies de representações pictóricas e gráficas em espaços urbanos, influenciado pelo momento histórico, social, cultural e tecnológico. E ainda hoje vemos em ambientes públicos e particulares das cidades diversos tipos de materiais imagéticos de importância e valor estético e social, cultural, de acordo com seu tempo e espaço, gerando produções artísticas de grande independência e identidade, segundo a afirmação de Renata “O grafite possui um forte teor discursivo, em que o sujeito-autor afirmar sua existência e expressa sua identidade ou simplesmente demarca sua territorialidade num espaço que lhe é possível.”

Considerando o surgimento do *Grafite* que em seu sentido contemporâneo deu-se em meados do século XX, podemos considerar que ainda há muito espaço a ser conquistado, tendo em vista o fato de ainda está perdendo a nomenclatura e os estereótipos de uma arte marginal. Apesar desse preconceito, é considerada uma das mais importantes linguagens visuais dos jovens e dos panoramas urbanos. Afirmava Paulo Freire (1979) que, antes da leitura da palavra, está a leitura do mundo. Assim, a bagagem de conhecimentos de mundo que os estudantes carregam é essencial e indispensável para a sua própria formação. É

necessário, portanto, não desconsiderar a visão de mundo dos estudantes e a percepção deles quanto ao espaço escolar e a presença dos *Grafite* nos muros de sua escola, pois a leitura de mundo que eles possuem pode contribuir para o trabalho pedagógico dos docentes.

“O Graffiti abre novos horizontes, chega trazendo um novo caminho, uma nova fonte de interesse, um novo jeito de pertencer, de ser valorizado, principalmente com o adolescente que está com a identidade ambígua, confusa. O Graffiti é poderoso com os adolescentes, é uma linguagem artística com uma força muito própria. Com ele surge a possibilidade de se construir algo criativo, ao mesmo tempo em que se começa a desconstruir a linguagem da pichação. O Graffiti é contextualizado, ele tem um contexto de ação, tem toda uma linguagem muito singular. A criança e ao adolescente passam a fazer escolhas.” (Zilda – BERDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia. 2008. p. 72)

Dessa forma, podemos identificar o *Grafite* como um objeto pedagógico de muita importância para contextualizar e inserir os alunos junto aos professores, proporcionando possibilidades de realizar um trabalho pedagógico que aproveite o *Grafite* e as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas.

“A possibilidade dessa juventude de gravar nas paredes das cidades aquilo que acontece com ela constitui uma crítica muito severa e bela, ao mesmo tempo: pela cor, que é forma, que é arte, ela fala daquilo que todos nós sofremos. Assim como na pré-história nós falávamos nas paredes sobre as caças, os riscos, os tempos, as ameaças...Aqui também fala-se sobre os desejos, os medos, deixando nas paredes da cidade, da sociedade, aquilo que vem do mais íntimo das suas vidas: tanto da vida individual do grafiteiro que esta grafitando um tema específico como de um grande coletivo...” (AURO – BERDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia. 2008. p. 32)

O *Grafite* é um tipo de expressão que não é programada academicamente, nem estruturada para pertencer a uma organização urbana, assim ela toma uma liberdade e se torna elemento vitalizador do corpo social, estimulando novos saberes e fazeres para a vida coletiva. Até existe uma tendência, a provocar uma quebra na estética cultural dominante, a fim de romper a lógica de ordenação e de controle do sistema social. Podemos então utilizar

os grafiteiros e suas produções como fonte de reflexão sobre os ambientes urbanos, pois as imagens contidas nas produções estimulam a subjetividade que transforma o imaginário social.

Nas escolas, chama a atenção o grande número de inscrições e desenhos presentes principalmente, nas paredes e portas. As escolas ficam completamente estilizadas por esse tipo de grafia, que também são realizados nos cadernos, na própria pele, vestuário e objetos de uso pessoal dos alunos. O assunto pichação e o *Grafite* no entanto, é pouco tratado, apesar de algumas edições de livros didáticos de arte, dedicam uma parte ao tema. De um modo geral, o conteúdo apresentado é atualizado com fotografias de grafiteiros nacionais e internacionais. Apesar de mostrar a origem do *Grafite*, muitas vezes traz um discurso categórico e taxativo em relação às pichações o que acaba fomentando ainda mais a revolta dos alunos que não se identificam com o ambiente escolar. Através do seguinte discurso, por exemplo, mas não confunda grafite com pichação. Grafite é uma arte. Já a pichação, em geral, constitui uma forma de protesto e, em muitos casos, é vista como uma forma de vandalismo.

Na infância e adolescência, aumentamos os rabiscos como forma de experimentação gráfica e como entretenimento, ou ainda, em decorrência da distração e excesso que estímulos visuais recebidos no cotidiano. A instituição escolar se empenha em apagar a vontade do traço dos alunos, assim como atitudes consideradas fora dos padrões.

“A Educação foi constituída para civilizar, fazer do homem um cidadão, diferenciá-lo do bárbaro, selvagem e animal. Ser educado é controlar os instintos, disciplinar as “necessidades básicas” e evitar ao máximo que os furores biológicos, principalmente os de ordem escatológica, se manifestem socialmente.” (GOMES, 2002, p.60)

Por tanto, pudemos perceber que os indivíduos identificam-se com o espaço escolar quando são caracterizados de acordo com as suas realidades. A busca por essa identidade e afinidade com o ambiente ao qual se veem obrigados a estarem todos os dias, trata-se de uma construção cultural, isto caracteriza através do conjunto de elementos culturais que o indivíduo adquire por influências sociais. Somente assim, esses indivíduos percebem a escola como um patrimônio pessoal e, por consequência, preservem o espaço e incentivem outros a fazerem o mesmo.

Percebemos então que o ensino do *Grafite* nas escolas pode ser muito mais bem aproveitado, a fim não só de dizer que pichação, que normalmente é o que os alunos sabem fazer, é ilegal e errado e que apenas o *Grafite* é arte. O ensino de *Grafite* nas escolas como viemos propor engloba mais conceitos e abrange uma gama ainda maior de aprendizagem e associações aos alunos.

A territorialidade está diretamente ligada com a identidade do indivíduo. O espaço pode refletir o que os indivíduos ocupantes dele pensam e vivem, levando em consideração a sua cultura e os seus costumes. O *Grafite* possui teor discursivo, de protesto, de afirmação cultural ou de expressão de sua identidade. Portanto, o *Grafite*, mediante seus signos visuais, expressam os anseios, a opinião e a percepção da realidade, através dos quais os indivíduos relacionam o pertencimento à territorialidade e à identidade cultural.

4 - O Objeto Pedagógico

Para o objeto pedagógico descrito, foi produzido um vídeo de curta duração, no qual consiste uma entrevista aberta, como um “bate papo” com um grupo de seis grafiteiros do Progressivo Art Crew, onde foram discutidos de maneira espontânea todos os temas abordados na pesquisa.

O processo de gravação do vídeo foi informal, orientamos o grupo de grafiteiros sobre os assuntos principais e aspectos que demos mais relevância no trabalho escrito e permitimos que a conversa fosse aberta, para que conseguíssemos captar o olhar dos próprios artistas e principalmente entender o processo e a relação dos *Grafite* com a sociedade, no início do vídeo foi conversado sobre a origem do *Grafite*; a necessidade de imortalizar nomes e siglas nas paredes como ideais ou a escrita de frases e protestos através dos muros durante a ditadura militar, a proibição da expressão através do uso de spray nos muros, quando protestos ou apenas hieróglifos, em patrimônio público e particular foi censurado. Fazendo-se necessário a diferenciação dos termos *Grafite* quando as composições são com uma estética comercial; realista ou ilustrativo, por exemplo, diferenciando do que é pichação. Esse termo é exclusivamente Brasileiro, pois no exterior o *Grafite* é qualquer pintura feita com spray nos muros, porem existe uma categoria que seria o *Grafite* Street Art que abrange os desenhos ilustrativos, figurativos, abstratos, realistas, 3d, tipologias, etc. Assim como o *Grafite* Fine Art.

Com a diferenciação do *Grafite* e da pichação a categoria conquistou a legalização do *Grafite* e o status oficial de Arte, assim proporcionando uma valorização e maior projeção dos grafiteiros como artistas. Apesar de ter proporcionado que mais pessoas se interessem por esse tipo de produção, os grafiteiros que se destacam são aqueles que trazem a originalidade e marcas pessoais dentro do estilo que pinta, porém somente quem entende das técnicas é capaz de julgar a qualidade das produções, mas como todas as obras de arte fica a critério e julgamento estético de qualquer espectador. As técnicas na maioria das vezes não foram ensinadas academicamente e sim pela experiência estética e prática dos grafiteiros nas ruas, mas muitos com toda projeção que essa arte tem tomado nos meios artísticos, culturais e sociais, percebem a necessidade de receber e utilizar de inspirações e referências de artes acadêmicas e movimentos já legitimados pela linha do tempo da história da arte, o que permite um que um arte educador utilize do ensino desta técnica mais lúdica e contemporânea para atrair a atenção dos alunos e despertar o interesse pelo aprendizado significativo e tão importante de obras, artistas e movimentos da arte.

O método escolhido foi gravação em vídeo e áudio com um grupo de grafiteiros do Progressivo Art Crew, previamente escolhidos durante o planejamento. Para realizar este registro iconográfico de entrevista semi estruturada, preparamo-los com uma conversa sobre os objetivos do trabalho, da importância da leitura de imagem e uma conscientização da importância desse movimento para o ensino de arte na escola, deixando-os mais a vontade durante a gravação, onde a conversa sobre os diversos temas foram acontecendo naturalmente. O local escolhido foi o atelier de um dos grafiteiros que participaram da entrevista, pois assim estariam mais familiarizados com o ambiente e fariam mais a vontade.

Nosso objetivo principal com esse trabalho foi preparar um vídeo que possa ser utilizado em sala de aula, como um resumo da parte teórica e uma conscientização da importância do movimento, pois assim os indivíduos através de seus repertórios e dos novos conhecimentos adquiridos por intermédio do arte educador, possa ter um olhar mais atento aos aspectos sociais, culturais, históricos e críticos que os cercam, processo esse de aprendizagem que se tornam mais fácil quando lúdico e principalmente significativo.

5 Considerações Finais

A pesquisa teve como foco o elemento *Grafite* através da sua mensagem, esta expressão artística que atinge o contexto urbano, por meio da sua intervenção direta nas paisagens contemporâneas modificando de forma espontânea, a estética dos ambientes. Esse

movimento tem em sua configuração composição de desenhos de diversas formas e tamanhos e em diferentes estilos, em diversos lugares e objetos possíveis, deixando de compor apenas a cena urbana e abrangendo também as galerias e produções voltadas para o mercado de produtos.

Através do estudo histórico do *Grafite* entendemos que não tratou de um ato de vandalismo aos ambientes públicos, mas sim de uma construção identidade. Entendendo que o *Grafite* atinge a um número grande de pessoas e estar no cotidiano das pessoas, é um tipo de arte que tem muita visibilidade e de fácil aceitação, por todo universo em que está envolvido, também pelas crianças e adolescentes. Percebemos que o ensino do *Grafite* nas escolas como viemos propor trata desta manifestação artística com mais conceitos e de uma maneira informal que proporcionará a aprendizagem e associações aos alunos, aproveitando as questões sociais, religiosas, etimológicas levantadas pelas mensagens através delas transmitidas, desenvolvendo senso crítico, social, ampliando repertório e estimulando o respeito à diversidade e à compreensão da liberdade, além de utilizar desta linguagem para buscar o interesse das pessoas em diferentes tipos de arte e para conhecer outros movimentos artísticos.

Referências Bibliográficas

- AUSUBEL, D.P. et ai. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro; Editora Interamericana, 1980.
- BACON, F. *O Progresso do Conhecimento*. São Paulo: Ed. UNESP, 2007.
- BARBOSA, Ana Mãe Tavares de Bastos. *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- BERDOIAN, Graziela; MENEZES, Kátia. *Por trás dos muros, horizontes sociais do Graffiti*. 2008.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. *Devir-animal e Educação*. In: Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002, p.59-66. Tema do fascículo: Deleuze.
- HADDAD, Denise Akel; MORBIN, Dulce Gonçalves. *A arte de fazer arte – 9º ano*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

LOPES, Joana, G.V. *Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano*. Brasília, Junho 2011.

MARCONDES, Marli. *Imagens coletivas: fotografia e arquivos públicos*. Campinas, SP: Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda, 2003.

NOVAK, Joseph Donald. *Uma teoria de educação*. Tradução de Marco Antônio Moreira, São Paulo: Pioneira, 1981.

OLIVEIRA, Ana, P.C. *Movimento hip-hop: educação em quatro elementos*. Salvador, 2007.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. *Intervenção urbana: vandalismo ou arte?* 1º COLÓQUIO NACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÕES (Curitiba, 16 e 17 de novembro de 2006). Anais do.. Curitiba: UFPR, Depto. Geografia, 2006.

RINK, Anita. *Graffiti: intervenção urbana e arte. Apropriação dos espaços urbanos com arte e sensibilidade*. Ed. Appris. Curitiba, 2013.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *Traçando olhares: uma introdução a construção à sociológica da cidade*. São Paulo: Editora STUD NOBEL; EDUC, 2000 (Coleção Cidade Aberta).

VERÍSSIMO, Maria Rúbia Alves Marques. *O materialismo histórico e dialético nas abordagens de Vygotsky e Wallon acerca do pensamento e da linguagem*. In: Educação e filosofia, v. 10, n.19, p.129-143, jan./jun. 1996.

VYGOTSKY, L.S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.

VYGOTSKY, L.S. *Psicologia Pedagógica*. São Paulo: Arimed. 2003.

VYGOTSKY, L.S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes. 2004.